

O centro de gravidade da economia mundial retorna à Ásia | Carta semanal 52 (2023)



Han Youngsoo (República da Coreia), Seul, Coreia 1956-1963.

Queridas amigas e amigos,

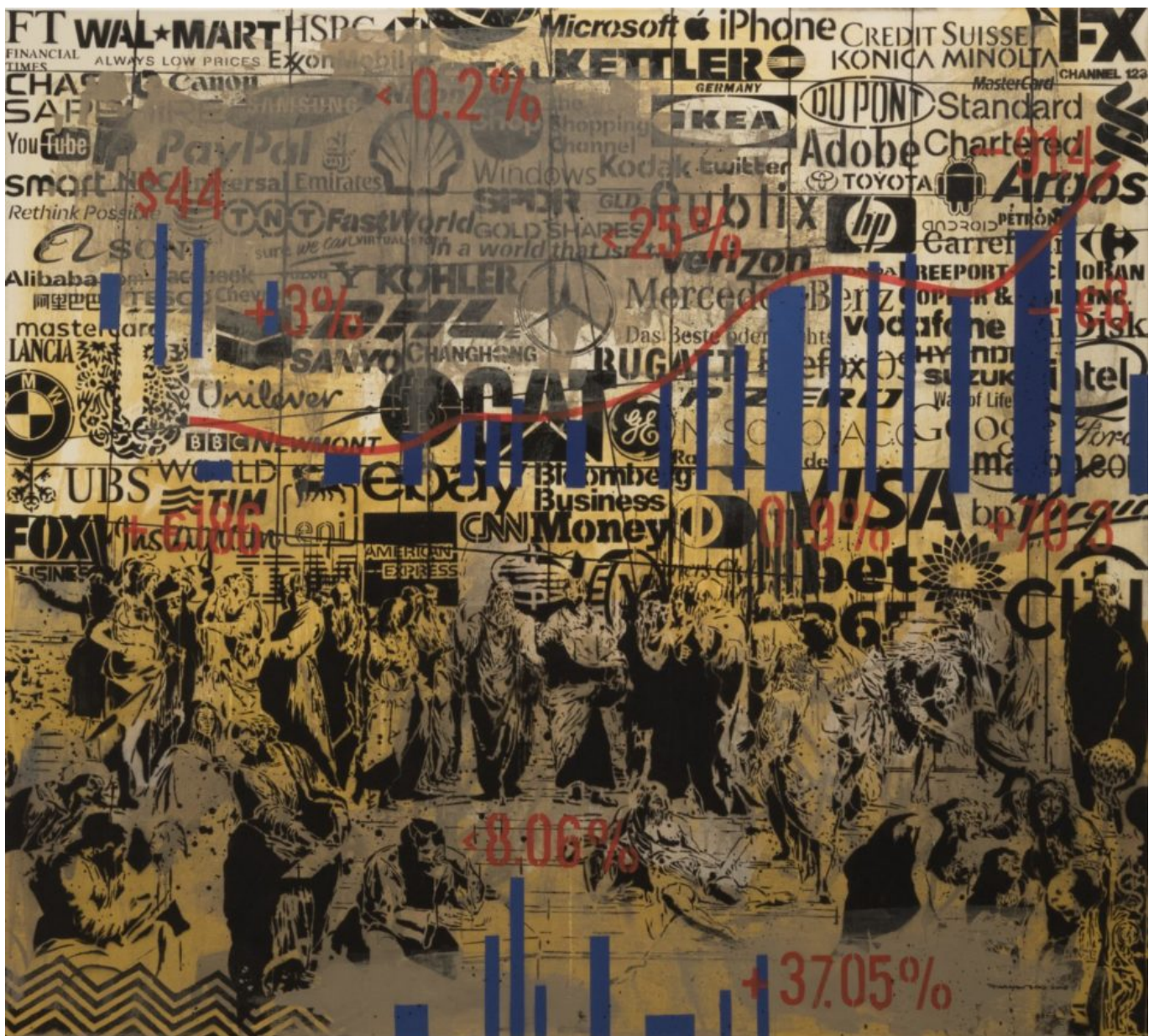
Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Em Outubro de 2023, a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad) **publicou** o seu relatório anual. Nada no relatório gerou grande surpresa. O crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) mundial continua diminuindo, sem sinais de recuperação. Após uma modesta recuperação pós-pandemia de 6,1% em 2021, o crescimento econômico em 2023 caiu para 2,4%, abaixo dos níveis pré-

pandemia, e prevê-se que permaneça em 2,5% em 2024. A economia global, afirma a Unctad, está perdendo velocidade, com todos os indicadores convencionais mostrando que a maior parte do mundo está passando por uma recessão.

O último caderno do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, *O mundo em depressão econômica: uma análise marxista da crise*, questiona o uso do termo “recessão” para descrever a situação atual, argumentando que funciona como “uma cortina de fumaça destinada a esconder a verdadeira natureza da crise”. O caderno explica que “a crise prolongada e profunda que vivemos hoje é (...) uma grande depressão”. A maioria dos governos do mundo utilizou ferramentas convencionais para tentar sair da grande depressão, mas tais abordagens impuseram um custo enorme aos orçamentos familiares, que já são duramente atingidos pela inflação elevada, e restringiram os investimentos necessários para melhorar as perspectivas de emprego. Como **observa** a Unctad, os bancos centrais “priorizam a estabilidade monetária a curto prazo em detrimento da sustentabilidade financeira a longo prazo”. Esta tendência, juntamente com a regulamentação inadequada nos mercados de produtos de base e a contínua negligência face ao aumento da desigualdade, estão fraturando a economia mundial”. Nossa equipe no Brasil explora essas questões mais detalhadamente na recém-lançada *Financeirização do capital e a luta de classes*, a quarta edição de nossa revista em língua portuguesa *Revista Estudos do Sul Global*.

Existem algumas exceções a essa regra. A Unctad **prevê** que cinco dos países do G20 registrarão melhores taxas de crescimento em 2024: Brasil, China, Japão, México e Rússia. Há diferentes razões pelas quais esses países são exceções: no Brasil, por exemplo, “as exportações de mercadorias em expansão e as colheitas abundantes estão impulsionando um aumento no crescimento”, como escreve a Unctad, enquanto o México se beneficiou de “um aperto monetário menos agressivo e um influxo de novos investimentos para estabelecer nova capacidade de produção, desencadeada pelos estrangulamentos que surgiram na Ásia Oriental em 2021 e 2022”. O que parece unir estes países é que não apertaram a política monetária e usaram várias formas de intervenção estatal para garantir que os investimentos necessários sejam feitos na indústria e nas infraestruturas.



Farhan Siki (Indonésia), *Market Review on School of Athens [Revisão de mercado da Escola de Atenas]*, 2018.

As *Perspectivas Econômicas* da OCDE, publicadas em Novembro de 2023, são consistentes com a avaliação da Unctad, sugerindo que “o crescimento global continua altamente dependente das economias asiáticas em rápido crescimento”. Nos próximos dois anos, a OCDE estima que esse crescimento econômico se concentrará na Índia, na China e na Indonésia, que coletivamente representam quase 40% da população mundial. Numa **avaliação** recente do Fundo Monetário Internacional intitulada *A China tropeça mas é pouco provável que caia*, Eswar Prasad escreve que “o desempenho econômico da China tem sido excelente nas últimas três décadas”. Prasad, antigo chefe da seção chinesa do FMI, atribui esse desempenho ao grande volume de investimento estatal na economia e, nos últimos anos, ao crescimento do consumo das famílias (que está relacionado com a **erradicação da pobreza extrema**). Tal como outros membros do FMI e da OCDE, Prasad maravilha-se com a forma como a China tem conseguido crescer tão rapidamente “sem muitos atributos que os economistas identificaram como cruciais para o crescimento – tais como um sistema financeiro que funcione bem, um quadro institucional forte, um mercado orientado para a economia e um

sistema de governo democrático e aberto”. A descrição de Prasad desses quatro fatores é ideologicamente motivada e enganosa. Por exemplo, é difícil pensar no sistema financeiro dos EUA como “funcionando bem”, na sequência da crise imobiliária que desencadeou uma crise bancária em todo o mundo Atlântico, ou que cerca de **36 bilhões** de dólares – ou um quinto da liquidez global – está em paraísos fiscais ilícitos, sem supervisão ou regulamentação.

O que os dados nos mostram é que um conjunto de países asiáticos está crescendo muito rapidamente, com a Índia e a China na liderança e com esta última registrando o mais longo período sustentado de rápido crescimento econômico ao longo, pelo menos, dos últimos 30 anos. Isso é incontestável. O que é contestável é a explicação da razão pela qual a China, em particular, registou taxas de crescimento econômico tão elevadas, como foi capaz de erradicar a pobreza extrema e, nas últimas décadas, por que tem lutado para superar os perigos da desigualdade social. O FMI e a OCDE são incapazes de formular uma avaliação adequada da China porque rejeitam – *ab initio* – que a China seja pioneira num novo tipo de caminho socialista. Isso se enquadra na incapacidade do Ocidente de compreender as razões do desenvolvimento e do subdesenvolvimento no Sul Global de forma mais ampla.

WENHUA ZONGHENG

Quarterly Journal of Chinese Thought



December 2023 | Vol. 1, No. 4

**Chinese Perspectives on
Twenty-First Century Socialism**

Desde o ano passado, o Instituto Tricontinental de Pesquisa Social vem colaborando com acadêmicos chineses que têm tentado compreender como o seu país conseguiu se libertar do ciclo de “desenvolvimento do subdesenvolvimento”. Como parte desse processo, colaboramos com a revista chinesa *Wenhua Zongheng* (文化纵横) para produzir uma edição trimestral internacional que reúne o trabalho de acadêmicos chineses especialistas nos respectivos temas e traz vozes de África, Ásia e América Latina para dialogar com a China. As três primeiras edições analisaram as mudanças nos alinhamentos geopolíticos no mundo (*No limiar de uma Nova Ordem Internacional*, mar. 2023), a busca de décadas pela modernização socialista da China (*O caminho da China desde a pobreza extrema até a modernização socialista*, jun. 2023) e a relação entre a China e África (*Relações China-África na era do Cinturão e Rota*, out. 2023).

A última edição, *Perspectivas chinesas sobre o socialismo do século XXI* (dez. 2023), traça a evolução do movimento socialista global e tenta identificar a sua direção futura. Nesta edição, Yang Ping, editor da versão em língua chinesa de *Wenhua Zongheng*, e Pan Shiwei, presidente honorário do Instituto de Marxismo Cultural da Academia de Ciências Sociais de Xangai, afirmam que um novo período na história socialista está emergindo atualmente. Para Yang e Pan, esta nova “onda” ou “forma” de socialismo, após o nascimento do marxismo na Europa do século XIX e a ascensão de muitos Estados socialistas e movimentos de libertação nacional de inspiração socialista no século XX, começou a emergir com o período de reforma e abertura da China na década de 1970. Argumentam que, por meio de um processo gradual de reforma e experimentação, a China desenvolveu uma economia de mercado socialista distinta. Ambos os autores avaliam como a China pode fortalecer o seu sistema socialista para superar vários desafios nacionais e internacionais, bem como as implicações globais da ascensão da China – isto é, se pode ou não promover uma nova onda de desenvolvimento socialista no mundo.



Denilson Baniwa (Brasil), *O Chamado da Natureza // Yawareté Tapuia*, 2023.

Na introdução deste número, Marco Fernandes, investigador do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, escreve que o crescimento da China tem sido nitidamente distinto daquele do Ocidente, uma vez que não dependeu da pilhagem colonial ou da exploração predatória dos recursos naturais no Sul Global. Em vez disso, Fernandes argumenta que a China formulou o seu próprio caminho socialista, que incluiu o controle público sobre as finanças, o planejamento estatal da economia, investimentos pesados em áreas-chave que geram não só crescimento, mas também progresso social, e promoção de uma cultura de ciência e tecnologia. As finanças públicas, o investimento e o planejamento permitiram à China industrializar-se por meio de avanços na ciência e tecnologia e na melhoria de recursos humanos e da vida humana.

A China partilhou muitas das suas lições com o mundo, tais como a necessidade de controlar as finanças, aproveitar a ciência e a tecnologia e industrializar-se. A Iniciativa Cinturão e Rota, agora com dez anos, é uma via para essa cooperação entre a China e o Sul Global. No entanto, embora a ascensão da China tenha proporcionado aos países em desenvolvimento mais escolhas e melhorado as suas perspectivas de desenvolvimento, Fernandes é cauteloso quanto à possibilidade de uma nova “onda socialista”, alertando que os **fatos persistentes** que o Sul Global enfrenta, como a fome e o desemprego, não pode ser superado a menos que haja desenvolvimento industrial. Segundo ele:

isso não será alcançável apenas por meio das relações com a China (ou a Rússia). É necessário fortalecer os projetos populares nacionais com ampla participação dos setores sociais progressistas, especialmente das classes trabalhadoras, caso contrário os frutos de qualquer desenvolvimento dificilmente serão colhidos por aqueles que mais precisam deles. Dado que poucos países do Sul Global estão atualmente registrando um recrudescimento dos movimentos de massas, as perspectivas de uma “terceira onda socialista” global continuam sendo muito desafiadoras; na verdade, uma nova onda de desenvolvimento com potencial para assumir um caráter progressista parece mais viável.

Isso é precisamente o que indicamos no nosso dossiê de julho, *O mundo precisa de uma nova teoria do desenvolvimento socialista*. Um futuro centrado no bem-estar da humanidade e do planeta não se materializará por si só; apenas emergirá de lutas sociais organizadas.



Philip Fagbeyiro (Nigéria), *Streets of Insignificance [Ruas de Insignificância]*, 2019.

Ao nos aproximarmos do final de mais um ano, quero agradecer a vocês por todo o seu apoio. Contamos com financiamento de amigos e amigas como você. Se quiser e puder nos ajudar, clique [aqui](#).

Cordialmente,

Vijay.